

Bons sinais na economia

A saída do congelamento — operação que se revelou desastrosa no governo anterior, por trazer para os índices de preços uma inflação fortemente represada — está ocorrendo de maneira relativamente tranquila neste momento. Na cidade de São Paulo, o índice da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da USP está em queda pela terceira semana consecutiva. O último número divulgado pelo instituto, de 5,81%, relativo à terceira quadrissemana de maio, é o menor desde setembro de 1987.

O número da Fipe é coerente com o obtido por uma instituição especializada de Porto Alegre e contribui para derrubar previsões pessimistas, segundo as quais a tendência da inflação seria necessariamente de alta. No mercado financeiro, muito sensível a essas tendências, a expectativa, ao contrário do que ocorria há algumas semanas, é de que a inflação do mês de maio tenha ficado abaixo de 10%.

Apesar de considerada pelos brasileiros em geral como um tabu — conforme observou o economista Norman Gall, diretor executivo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, num estudo para o Banco Mundial sobre a inflação no Brasil —, a recessão afinal instalou-se de maneira como nunca se viu antes na economia do País e inibe hoje movimentos bruscos de alta dos preços. O desemprego, a queda de renda do assalariado, a redução dos negócios desestimulam reajustes disparatados. Pressionado pelas circunstâncias, o consumidor brasileiro comporta-se como o de países com economia estável: só compra o que estiver com preço bom.

Da parte do governo, há uma clara mudança de linguagem, como resultado da alteração da equipe do Ministério da Economia. Já não se fustiga o empresariado, que a equipe da professora Zélia Cardoso de Mello acusava de ser responsável pela persistência da inflação. Embora os mecanismos

de controle da economia criados pela equipe anterior ainda não tenham sido desmontados, a nova equipe procura empregá-los com moderação.

Na área externa também há notícias tranquilizadoras. As reservas internacionais, que apresentaram redução de cerca de US\$ 1 bilhão entre fevereiro e março, voltaram aos níveis do início do ano, de cerca de US\$ 8,5 bilhões. Além disso, com a venda de ouro no mercado internacional, o Brasil registrou um ingresso de US\$ 1,8 bilhão no ano passado. A balança comercial, de sua parte, vem apresentando bons superávits desde o início do ano, resultado que provavelmente se repetiu em maio.

A possibilidade de utilização, no programa de privatização, de títulos da dívida brasileira negociados no mercado secundário do Exterior, por outro lado, fez com que a cotação desses papéis atingisse um nível que não se registrava há mais de um ano. Além do anúncio da venda da Usiminas, outros fatores podem estar estimulando a alta desses títulos. Um deles é a permissão de entrada de investidores institucionais estrangeiros nas bolsas brasileiras. A conclusão do acordo preliminar sobre os juros vencidos da dívida brasileira também contribuiu para a alta. O ministro Marcílio Marques Moreira anunciou que, até o final do mês, reiniciará as negociações com os credores particulares para discutir um acordo para a dívida de médio e longo prazo e retomará as discussões com o Fundo Monetário Internacional. Isso também terá efeito positivo.

O clima atual é favorável ao trabalho da equipe econômica e também à retomada da atividade econômica sem que ocorra uma explosão inflacionária. Para sairmos da crise, será preciso que a equipe econômica aja com cautela, pois, apesar dos superávits seguidos do Tesouro Nacional, ainda é frágil o equilíbrio das contas públicas — como mostraremos em próximo editorial.